

gulhou na fumaceira dos Midlands para conservar vivo, enquanto pudesse, o velho nome dos Chatterleys.

Mas não se mostrava abatido. Podia movimentar-se numa cadeira de rodas que ele mesmo movia; e num carrinho motorizado dava lentos passeios pelo parque — o belo parque melancólico de que se sentia tão orgulhoso, embora não desse demonstração.

Havia padecido tanto que sua capacidade de sofrer se esgotara. Mostrava-se, porém, cheio de vivacidade, jovial, quase alegre, de tez fina, aspecto geral de saúde, olhos azuis, brilhantes e provocadores. Trajava-se com apuro, sobretudo nas gravatas. Apesar disso tinha o olhar que espia e o ar ausente dos estropiados.

Tanto arriscara a vida e estivera tão perto de perdê-la, que o que dela lhe restava adquiria um valor imenso. O brilho dos seus olhos revelava o seu orgulho de não estar morto depois de tantas calamidades. Lá por dentro, porém, muita coisa morta marcava o seu desastre — muitos sentimentos mortos. Clifford tornara-se insensível.

Sua esposa Constance era uma jovem com saúde das camponesas, corpo reforçado, movimentos lentos, cabelos escuros e caráter bastante enérgico. Olhos grandes e curiosos, voz macia — dava a idéia de recém-casada da aldeia natal. Não era assim, entretanto. Seu pai fizera nome na Academia Real de Pintura — Sir Malcolm Reid; e sua mãe se distinguira entre as mentalidades avançadas no socialismo do tempo. Entre artistas e socialistas militantes, Constance e sua irmã Hilda tiveram criação esteticamente livre. Haviam sido mandadas para Paris, Florença e Roma, a fim de respirarem aqueles ambientes artísticos; e também para Haia e Berlim, a fim de se ambientarem, nas grandes convenções socialistas, onde se falam todas as línguas e ninguém se espantava com coisa nenhuma.

Viveram, assim, desde muito meninas, mergulhadas em arte e política. Tornou-se-lhes isso como a atmosfera natural. Eram a um tempo cosmopolitas e provincianas — do provinciano cosmopolita que a arte aliada ao idealismo social produz.

Também estiveram em Dresde, a partir dos quinze anos, para se aperfeiçoarem em música e outras coisas, e lá vi-

veram com extrema liberdade, conversando com filosófica franqueza sobre todos os assuntos, em perfeito pé de igualdade com os homens. Percorriam a floresta com rapazes folgazões que levavam guitarras e cantavam as canções do dia. Eram livres. Livres! Eis a grande palavra. Soltas no mundo, soltas pelas florestas com magníficos rapagões, gozavam a liberdade de fazer o que lhes aprouvesse e, sobretudo, de dizer o que sentiam. Era essa conversa livre o que mais as encantava — essa libérrima troca de impressões. O amor entrava ali apenas como acompanhamento secundário.

Tanto uma como outra iniciaram-se no amor aos dezoto anos. Espicaçadas por aquela liberdade, os companheiros masculinos tornaram-se exigentes — quiseram tudo. A princípio as moças hesitaram; mas tanto haviam discutido o amor que já não tinha importância esse tudo. Além disso os rapazes mostravam-se tão humildes, tão implorativos... Não era agirem como rainhas o darem-se a eles generosamente?

E deram-se, cada uma ao rapaz com que mais ardorosamente debatiam sobre o amor. A discussão era o principal; o amor físico não passava duma espécie de retorno ao instinto, uma espécie de reação. Depois do ato do amor sobrevinha um pouco de ódio ao amigo, como se ele houvesse penetrado muito longe na sua intimidade, violando a liberdade feminina. Porque essa liberdade era o que mais importava — era a significação de duas vidas. Que poderia significar a vida de uma jovem senão a repulsa de velhas sórdidas ligações e sujeições?

Ora, por mais que filosofassem sobre o assunto, aquelas relações sexuais constituíam uma das mais antigas sujeições. Os poetas que as glorificavam eram homens — a mulher, sempre percebeu que há coisa mais alta que o amor físico. E, por experiência própria, estavam agora as duas convencidas disso. A bela e a pura liberdade duma mulher valia muito mais que o amor sexual. O triste é o atraso do homem nesse ponto. Eles insistem pela cópula, como cães.

E a mulher tem de ceder, tão infantilmente teimosos os homens se mostram. Ou a mulher cede ou temo-los a se comportarem como crianças malcriadas, que estragam tudo com seus amuos. Mas a mulher pode ceder só na aparência, conservando-se livre e dona de si lá no infinito. É este um